



TRIBUNA Livre

7
JULHO
1956

SEMANARIO DE CRITICA E ACTUALIDADES

Directores: PAULO BARBOSA DE MACEDO

Director: ANTONIO JOSÉ DA COSTA

Director: JOÃO BARBOSA DE MACEDO

Propriedade: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

Composição, Impressão e Redacção: LARGO DO DR. OLIVEIRA SALAZAR TEL. 64112 - AMARES

Da caridade...

Um padre e sua obra humana

Por Militão Porto

Quando fomos apresentados a Padre Gil a primeira impressão foi de desafogo. Padre Gil, nas suas maneiras muito próprias, exterioriza imediatamente, aos menos perspicazes uma bonomia natural e aquela modéstia própria dos grandes e imortredouros talentos da nossa grei. Foi assim que o vimos. Muito simples, simpático, afável e sorridente. Feliz—deduzia-se.

Depois, em amena conversa verificamos o acerto da nossa análise, sucinta, impressionista e aliciante. Padre Gil era um padre. Porque ser padre, na nossa possivelmente inadquada observação, é ser homem são, escorreito, sem tibiezas, normalissimamente sincero, naturalmente disposto a aturar tudo e todos. E padre Gil assim é. Atura tudo e todos. Até nos aturou a nós, durante meia hora, numa

amálgama de perguntas, ditochotes, anedotas, coisas sem nexos, sem um programa certo, definido, pois não esperávamos entrevista.

Ela deu-se, porém. Sem querer, à queima-roupa, sem ideia preconcebida, nas perguntas e nas respostas. Trazudi-la para aqui seria fastidioso, por nem sequer sabermos como ela começou nem como terminou. Apenas sabemos—isso sim, temos a certeza—de que a impressão indelével que nos ficou de padre Gil jamais deixará de perdurar no nosso eu, em simpática lisonja e travessa aquiescência em muitas das suas concepções que, por dispaes entre nós, são bem aceites ante todos.

Padre Gil tem, de facto, um sentido fecundo, na trivialidade da sua maneira de ser, na sua formação espiritual, um sentido profundo—dizíamos—do incomensu-

rável. Nada pode medir-se em todos os seus actos. É tudo tão espontâneo, tão vulgar, tão humano, que padre Gil faz da vida a própria vida, sem tergiversações, sem calor, com amarga frieza por os outros não quererem compreender a sua avassaladora passagem neste vale de lágrimas e de desconforto. E procura, na sua imensa beleza caritativa, fundar na alma alheia o dever, e não o direito, de olhar pelos outros... Mas, os outros, naquele jeito peculiar dos que tudo tem e nada dão, sentem, junto dele, a necessidade, o desejo e o próprio dever—de dar—e dão. Sómente se esquecem mais

Continua na 4.ª página)

As Festas a San'tiago de Caldelas

Realizam-se nos dias 24 e 25 as conceituadas festas a S. Tiago, padroeiro da freguesia de Caldelas, que é uma das melhores do Concelho em todos os aspectos.

O número que agrada sempre nestas festividades é a maggestosa procissão, em que o zeloso pároco Rev. P. João Martins de Freitas, nosso ilustre assinante e colaborador, põe sempre todo o seu brío.

Por coincidir a festa com a época termal desta importante Estância, atinge todos os anos esplendor de monta, que a torna conhecida dentro e fora do Concelho. Sabemos que este ano em nada desmerecerão o brilho atingido nos anos anteriores, pelo contrário. Consta do programa um certame musical que está a despertar muito, interesse em que se baterão as afamadas bandas de Amares, Vila Verde e Gueifães da Maia, que executarão dois importantes concertos: Vila Verde, -Gueifães, das 15 às 18 horas e Vila Verde-Amares, das 22 horas à meia noite solar.

O nosso jornal vai dedicar, com muito prazer, um número especial a estes afamados festejos, que sairá na véspera, ou seja no dia 21 do corrente mês.

(Continua na 2.ª página)

Carta à «Tribuna Livre»

O caso da Abadia

Recebemos do sr. Dr. José António de Sousa Fernandes, distinto clínico em Amares, a seguinte carta:

«Li no último número desse jornal, uma carta do Senhor João Almeida, escrita à propósito das eleições da nova Mesa da Confraria de Nossa Senhora da Abadia, fazendo referência a uma carta minha publicada nesse mesmo jornal, quinze dias antes.

Faço minhas as palavras da redacção que se seguem à referida carta, porque elas demonstram claramente o valor que se lhe deve atribuir e as intenções do seu autor atacar-me pessoalmente e desvirtuar a forma como decorreram as eleições da nova Mesa.

Não voltaria a ocupar o precioso espaço desse jornal, se não julgasse necessário focar certas particularidades que, embora evidentes, podem não sobressair convenientemente a quem não conhecer bem o assunto.

Vem o Senhor João Almeida à liça, insurgindo-se contra mim, porque, diz, «se acha visado por fazer parte de uma mesa que se projecta-

va nomear para a Confraria de Nossa Senhora da Abadia.»

Pelos vistos, o autor da carta tencionava fazer parte da nova Mesa, pelo mesmo processo que arranjou a ser confrade da Confraria e a ser nomeado administrador de algumas centenas de contos e de muitos milhões de cruzeiros em depósito. Como o não conseguiu por esse processo, podia ao menos tentá-lo pelos meios legais, o que não fez, pois não apareceu nenhuma lista com o seu nome no acto eleitoral.

(Continua da 4.ª página)

NOTA

Era nossa intenção encerrar hoje, com a carta que transcrevemos, a polémica sobre o caso da Abadia

Contudo, quando já tínhamos o jornal na impressão, foi-nos entregue uma carta do Reverendo Francisco Antunes de Almeida, Capelão da Abadia, em que o mesmo responde às referências que lhe foram feitas na carta de 30 de Junho findo.

Assim, no próximo número, publicaremos a carta agora recebida e com ela daremos o caso por encerrado.

O 1.º aniversário do Dec. 40.251, que incluiu a Feira Nova na área da Vila

Faz amanhã—dia 8 de Julho—um ano que foi publicado o muito ansiado Decreto que incluiu a área da freguesia de Ferreiros, abrangida pelo plano de urbanização, na Vila e sede do concelho.

Estão bem gravadas na nossa memória os festejos espontâneos e sinceros que então se realizaram e a alegria incontida que a todos dominou por verem realizada uma aspiração para a qual trabalharam já os homens da geração anterior.

Uma multidão entusiástica peregrinou pelas casas dos que mais se salientaram na obtenção do grande triunfo, testemunhando-lhes a sua gratidão pelo diploma que concedia a emancipação a esta terra de trabalho e de bairrismo.

Não podíamos deixar

passar esta data sem uma referência, embora passageira, ao grande acontecimento maior ainda porque dando-nos um direito não o tirou a ninguém.

O elogio aos homens que tornaram possível a inclusão da área, mais conhecida por Feira Nova, na Vila, é atitude que o reconhecimento impõe. A nossa parte nesse reconhecimento não será negada e só não se inicia hoje por acharmos dever aguardar que ela surja de quem tenha mais autoridade para o fazer.

Cedo ainda para analisar os benefícios que daí nos advieram o certo é que já se poderiam enumerar alguns. Há-de o futuro demonstrar, contudo, que aquele entusiasmo de há um ano não era permaturo.

Urso com pele de Camaleão

Apesar da aparente pacificação que nos oferece o panorama internacional, em que a União Soviética se desentranha em boas maneiras, só quem se encontre de espírito completamente desprevenido, não compreenderá os mil disfarces de que se serve, para encobrir as suas cavernosas intenções, sempre as mesmas e cada vez mais pertinazes e nefastas. Os seus ardiz, retintamente orientais, só puderam ser compreendidos á luz de tantas desilusões sofridas que, actualmente, fazer acreditar em Moscovo a um ocidental bem intencionado, seria o mesmo que lhe dizer que Deus não existe; mas apesar disso, o disfarce é tão sub-repticiamente feito que continua a ser perigosíssimo, não apenas para as pessoas que usam de ânimo leve, mas até para os que costumam ponderar bem os seus actos.

Coisas maquiavélicas nos apresentam os Senhores do Kremlin, umas para uso interno, outras para uso externo, cada qual com o seu paladar e com as cores mais variadas. O urso, vestindo pele de camaleão, procura seduzir as suas am-

bicionadas vítimas, ora exacerbando nacionalismos, para provocar a anarquia; ora tornando-se o anjo da guarda de nações desprotegidas, levando-lhe a sua benfazeja protecção; quer evocando em grandes parangonas a coexistência pacífica, qual pomba branca levando no bico o simbólico ramo de oliveira; quer promovendo conferências de desarmamento e reduzindo os efectivos militares, mudando apenas de estratégia; ou espalhando por todo o lado onde a sua pata delicada de urso polar, alvo e puro como a neve, possa chegar, os ubérrimos frutos das democracias populares; ou apregoando todas estas maravilhas aos quatro ventos, pelo seu órgão oficial «A verdade» (Pravda para maior ironia quer dizer verdade); destalilizandoporumlado, deskominformizando, por outro, etc., etc.

Mas que diligentes se tornaram estes «filhos das trevas», por sinal a elite dos filhos de Satanaz e seus exemplares servidores que, muito simbólica-

As Abelhas

Sua origem e utilidade

Resumo histórico das descobertas

Por AVLIS

(Continuação do número anterior)

Com as descobertas de Huber determinaram-se os seguintes pontos até então obscuros: que haverá na colmeia uma abelha fecunda a que se podia dar o nome de rainha, mestra ou mãe comum, abelhas obreiras ou fêmeas geralmente infecundas por atrofiamento sistemático dos órgãos sexuais, e, enfim zangões ou machos, servindo apenas para fecundação da abelha-mãe. Como já dissemos há nos insectos o predomínio do sexo feminino, mas nos himenópteros sociáveis há mais alguma causa a dedicação das virgens que se sacrificam ao interesse comum.

O princípio social na república das abelhas é a maternidade e a fraternidade; o soberano poder não é dado à mais formosa, nem à mais forte, mas sim à mais fecunda. O trabalho é distribuído segundo as forças e aptidões de cada um, e a retribuição proporcional a esse trabalho.

Mas o principal papel é representado na colmeia pelas obreiras, por essa população laboriosa e activa que trabalha sem descanso para o bem comum, lição esta que é de aproveitar por tantos que na sociedade fogem aos deveres de bons familiares.

A obreira é dum pardo escuro. O corpo composto de cabeça, toraxe, abdômen, é em parte, coberto de pêlos; a cabeça, quase triangular, tem as antenas, os olhos, os estermatos e as par-

tes bocais. As antenas, a sede do olfacto, e do ouvido, são compostas de doze articulações. Os machos têm as antenas mais desenvolvidas, e é por isso que correm atrás das fêmeas atraídos pelas suas imanações.

Huber pensou que as abelhas recebiam a percepção do cheiro pela boca, e Lehmann pelos estigmas; as experiências de Lefebvre provaram porém, à evidência, que o órgão do olfacto existe nas antenas. Lefebvre aproximou das antenas de diversas abelhas ocupadas a lamberem açúcar, uma agulha inodora, e o insecto não fez movimento algum, mas aproximando-lhe em seguida uma agulha embebida em éter, a abelha agitou as antenas, que voltou para a agulha, dando ao mesmo tempo os mais sensíveis sinais de incômodo e desgosto. É comum também ver-se duas abelhas, quando se encontram, tocar as antenas, palparem-se e trocar entre si o santo e a senha. Privadas das antenas, portanto do ouvido e do olfacto, as abelhas não só cessam completamente de trabalhar, mas também não podem orientar-se no interior da colmeia.

Os olhos imóveis, colocados dos lados da cabeça, são compostos de grande número de olhos simples voltados para todos os lados, o que lhes permite ver em todas as direcções.

Cada olho simples é composto duma verdadeira esclerótica

e uma coróide de pigmento escuro e espesso, e são desprovidas de vasos sanguíneos, cujo serviço é feito por tubos finíssimos para a circulação do ar. O modo como se opera a visão nos insectos não está suficientemente esclarecido, mas o que se compreende é que os insectos vêem a pequenas distâncias, e a formação da imagem é múltipla e uma por cada faceta.

Além dos olhos de facetas têm as abelhas um potente, chame-mos-lhe microscópico em ocelos dispostos em triângulo, de córnea muito convexa e cristalim cônico.

Os nervos deste ocelos estão ligados directamente ao cérebro; o nervo óptico é largo, e desenvolvido emanando do cérebro, insere-se na esclerótica, o que é um dos principais traços característicos da inteligência dos himenópteros. A abertura da faringe é cercada de peças bucais; compõe-se de lábio superior, de mandíbulas curtas e espessas, sem dentes, mas unindo-se como duas colheres que se juntassem pela parte côncava.

A abelha na rigorosa acepção da palavra, não suja nem chupa os líquidos das plantas, flores ou frutos como fazem os variadíssimos insectos: lambe-os, levando-os assim à cavidade bucal.

Com as mandíbulas é que as abelhas abre as antenas das flores para colher o pólen, e é com elas que amolece a cera e tritura também alguns vegetais. A trompa, que se lhe segue, é constituída pelo embaixamento do lábio inferior, e serve para fazer chegar à faringe, por pressão ondulatória os sucos colhidos pela extremidade alongada do lábio inferior.

Este lábio está colocado na região posterior da faringe; a base é uma peça córnea, e curta, pequena e unida à hipogote. A língua nas abelhas

obreiras é longa para lhe facilitar o acesso aos néctares situados, especialmente nas flores tubulares, nos mais recônditos recessos.

A região média do corpo da abelha, a que se chama torax, é formado por três anéis unidos entre si: o protórax o mesotórax e o metatórax; o pretórax, ou colar, é apenas um estreito anel; o mesotórax e o metatórax são as que compõem a parte principal, onde inserem, inferiormente, os três pares de patas e, superiormente as asas.

O mesotórax é na parte superior bastante convexo, formando o que se chama escudo, convexidade esta é devida aos potentes músculos das asas.

(Continua)

Aos produtores de milho

(Continuação da 2.ª página)

profundamente os dados do problema, ao mesmo tempo que se notava um menor afluxo de cereal aos nossos celeiros.

No entanto, finda a campanha, as declarações de desistência de entrega não foram superiores a 4.000 toneladas pelo que as quantidades declaradas se mantinham em 110.200 toneladas.

Em 41 de Maio findou o prazo de recepção. Que se verificou? Que das 110.200 toneladas deram entrada nos celeiros da Federação apenas 75.000 toneladas, ou sejam 68,0% das quantidades declaradas e já rectificadas.

Em face desta torna-se necessário mais cuidado e seriedade nas declarações para evitar que a federação se alheie do problema.

Produção higiénica de leite

(Continuação da 2.ª página)

tância do que o dinheiro que com elas se gasta;

3.º—pouco adianta fazer uma quantas coisas bem feitas, para depois deitar tudo a perder com alguns erros graves.

Portanto é indispensável:

Asseio, calma e rapidez

1.º—*Asseio* da vaca, dos ordenhadores e dos utensílios;

2.º—*calma* na ordenha, para que as se não excitem e se recolha todo o leite que elas podem produzir;

3.º—*rapidez* para aproveitar o pouco tempo durante o qual a ordenha é proveitosa.

Nunca se deverá esquecer que:

a) deve cuidar-se sempre do estado sanitário dos animais. As vacas doentes, — as que, por exemplo têm mamites ou estão com diarréia, — embora produzam menos do que se estivessem sãs, nem por isso deixam de comer o mesmo;

b) as vacas que bebem pouca água, as que comem menos do que precisam ou não comem o que deve comer, dão menos rendimento do que as bem tratadas e bem arraçadas;

c) as vacas ordenhadas rapidamente, e sem maus tratos, — sem moscas a picá-las, sem agitação que as assuste ou excite, dão mais leite e rendem por conseguinte mais dinheiro com a mesma despesa;

Resumindo:

O produtor só poderá apresentar leite limpo se tiver muito cuidado com o asseio:

a) do estábulo e anexos;

b) da ordenha;

c) da vaca.

Folhetim da "Tribuna Livre,, — 1

A Estrada

Conto de Joaquim Monteiro (Jorge)

—Não pensas o que dizes, Daniel. Falas à-toa! Que pretendes tu, afinal de contas? Liberdade! Queres Liberdade, e falas como um revolucionário! A Liberdade da revolução! Por esse processo não resolves o problema... do homem, da sociedade... da humanidade. Lembra-te, meu velho, que há sempre um tirano para substituir outro tirano! Tem sido sempre assim. S. Paulo tem uma frase lindíssima!... Conhece-la? Sabes quem foi S. Paulo?! A frase é a seguinte: NÃO JULGUES, PORQUE SERÁS JULGADO!

David, calou-se. O ar ficou impregnado de pesados gritos de sentença. NÃO JULGUES, PORQUE SERÁS JULGADO!, parecia ouvir-se no raspar dos pés na estrada, no bulir remansoso das farpas dos pinheiros, na voz cava e oculta do silêncio. «Não julgues porque serás julgado!» Daniel tentou trautear uma melodia, mas algo lhe apertava a garganta. Quis igualmente assobiar, mas não pôde. Continuavam a caminhar, silenciosos, abandonados na tranquilidade da natureza cada vez mais virgem e só, mais só e mais virgem, e selvagem.

E no ar, suspensa e invisível, uma presença divina: «Não julgues, porque serás julgado».

IV

David, com um maço de cigarros na mão, oferecia tabaco ao amigo, que recusou. Espetou um cigarro nos lábios secos e como que quebrados como o deserto africano sob o sol escaldante. O cigarro ardia indiferente ao drama da vida, ao drama daqueles rapazes. No ar, no declinar suave da tarde roliça, bandos de fringilídeos irrequietos mistu-

ravam a sua cor parda com o negro dos turdideos. E os bandos cantavam.

Daniel sugava numa beata que encontrara, perdida, entre o cotão, num dos bolsos. Queria falar a David, mas não foi capaz. Ele sabia que o amigo era inteligente, que tinha poder... Sentia-se atraído para ele. David exercia grande influência sobre Daniel. E este sabia que não podia fugir-lhe. David era um tipo estranho, ruminava muitas vezes Daniel. David era um conquistador!

Por causa de David deixara de pertencer ao MUD... Por causa de David deixara de frequentar as mulheres de vida fácil... Porquê?

David ia fumando. Os pássaros continuavam em voo. O céu tinha a cor branca do aço pronto para a fusão. O calor apertava. «Não julgues, porque serás julgado!» E a beata quase queimava os dedos de David, e ele continuava a sugar com avidez como quem mama, num mamilo, a que vai faltar o leite. E Daniel tinha sede de leite. Apeteceu-lhe leite. Porquê?

David tinha-o preso. Desde aquela noite. Que loucura! Que estupidez! Que rancor lhe ia na alma. Passeavam, então, pelas últimas horas do dia. Horas frias, naquele fim de Outono já distante. Os cafés estavam cheios, a luz das montras e a dos candieiros públicos era um palácio sorriso. A cidade tinha uma tonalidade soturna, triste. A cidade estava triste, metia pena, dó. A cidade estava dominada por fanfarras sinistras, por sombras diabólicas. Naquela noite tudo parecia triste a Daniel. Tudo triste e doloroso e estúpido—porque ele estava imensamente, profundamente, triste! A tristeza era só realidade em si, mas ele não se apercebia disso. Tudo era triste, e só ele se julgava alegre; tudo era feliz, e só nele a infelicidade encontrava cabimento; tudo era um hino de guerra, e só nele a paz tinha corpo e alma; todos odiavam, enquanto que só ele era o único a sentir uma pulsação de amor, um querer de vida. Ele era o contrário, o oposto de tudo. E tudo era assim conforme ele visionava, e não de outra maneira. Tinha necessidade de se enganar, tinha necessidade de inverter tudo, de ser uma sombra, uma coisa sem vida e sem alma, errante, vagabunda. Assim como uma pedra. Nessa noite desejou ser pedra! Naquela noite, nas últimas horas dum dia frio, ele sofria porque a namorada lhe tinha sido infiel... Naquela noite estava triste e David estava a seu lado. Recordar-se-ia David dessa noite?

(Continua)

TRIBUNA do CONCELHO

A G.N.R. de posto de Amares, acaba de pôr a descoberto uma quadrilha que vinha praticando vários assaltos

No posto da G.N.R., desta Vila, foi apresentada queixa contra Olinda de Sousa, casada, doméstica, residente na freguesia de Rendufe, por esta ter praticado um furto a Augusto da Costa Teixeira, casado, da freguesia de Lago. O comandante do Posto procedendo às diligências necessárias, também se houve, que obteve a confissão da Olinda, sobre o furto e, ainda, de uma série infinita de outros, praticados por seu marido Domingos Correia Borges, casado, e outro indivíduo, de nome João Gomes de Carvalho "O Tolo", solteiro, e sem morada certa. Presos estes indivíduos, de princípio, negaram terminantemente terem praticado qualquer assalto, mas, depois de uma busca minuciosa na residência do Domingos Borges, foram encontradas várias peças de roupa e sacos vazios, que bem demonstravam a sua actividade, visto que o mesmo não justificava perante a autoridade a proveniência legal de tais artigos. Após extenuante interrogatório, seguido de diligências várias, efectuadas pelo comandante do Posto, foram, enfim, coroadas de êxito tais diligências, pois ao fim de 3 dias, estava descoberta toda a quadrilha. As vítimas foram as seguintes: ao sr. dr. Gastão Ribeiro Pereira, residente em Braga, e com propriedades na freguesia de Lago, assaltaram-lhe, por duas vezes o celeiro, levando-lhe 40 rasas de milho; a Augusto

da Costa Teixeira, da mesma freguesia, entraram no seu estabelecimento, por meio de arrombamento, e furtaram-lhe açúcar, bacalhau, arroz, latas de conserva, vinho fino, etc.; a José Veloso de Amorim, da freguesia de Rendufe, foi furtada uma carteira da sua residência, contendo 5.500\$00, e, ultimamente 80\$00; a Eugénia Antunes de Araújo, viúva, da mesma freguesia, furtaram-lhe uma saia, um casaco, lençóis, e outras peças várias; a Teresa de Jesus Ribeiro, viúva, da mesma freguesia, também lhe furtaram milho, roupas e outras coisas; e a Agostinho Soares, também da mesma freguesia, assaltaram o moinho, donde lhe levaram milho e outros cereais. A população da freguesia, ficou satisfeita com a descoberta destes assaltos, que se vinham acumulando diariamente, sem haver possibilidades de descobrir os seus autores. Depois de elaborado pela G.N.R. o respectivo processo, os presos recolheram à cadeia local, sem admissão de caução.

—Segundo uma notícia che-gava no momento em que esta era composta, os arguidos Domingos Correia Borges e João de Carvalho confessaram que o co-arguido Domingos José Veloso se encontrava inocente dos crimes que eles próprios lhe imputaram.

Mais disseram que tinham-nó acusado por ele os ter denunciado noutros crimes.

Marco do correio

ANIBAL DE JESUS MACHADO-Lisboa-Agradecemos o seu envio e o respectivo recibo já o fizemos seguir, o qual já se deve encontrar de posse de V. Ex.ª.

Conforme nos pede, já re-ctificamos a sua direcção.

Estamos-lhe sinceramente gratos, pelas suas palavras e continuaremos sempre que nos seja possível, a dar informações da freguesia de Caires, as quais nos são fornecidas pelo nosso distinto colaborador, O Reverendo Padre Calisto Vieira, para assim continuar a ter conhecimento do progresso e melhoramentos que nela se vão concluindo.

A família do nosso assinante Sr. António José Maria Machado, actualmente em Caracas, Venezuela, veio junto da nossa redacção pagar a sua assinatura de um ano, pelo que muito agradecemos.

O nosso conterrâneo e amigo, Sr. Fernando António Al-

meida Rodrigues, que se encontra em Bissau, Guiné Portuguesa, escreve-nos enviando-nos a importância da sua assinatura, e diz-nos da satisfação que tem em receber o nosso jornal.

Aproveita a oportunidade de nos indicar um novo assinante, que em coluna própria criada para esse efeito, transcrevemos o respectivo nome.

Quanto ao assunto que nos pede, já lhe demos o devido andamento e logo que se encontre em nosso poder enviar-lhe-emos pelo correio.

Estamos-lhe imensamente gratos por tudo que se dignou enviar-nos.

Maria Fernandes Faria

FALECEU

No passado dia 3 do corrente, faleceu com a propecta idade de 82 anos, na residência de seu genro, senhor Alberto Gonçalves e filha senhora Maria Rosa Martins. Era também

Novos Assinantes

O nosso conterrâneo, Sr. André José Fernandes de Carrazedo, que se encontra a prestar serviço militar no Quartel das Lages (Base aérea n.º 4) nos Açores, escreve-nos a pedir a sua inscrição como novo assinante, o que gostosamente fizemos, e já lhe enviamos o número anterior do nosso jornal.

Ficamos satisfeitos de nos ter mandado as indicações como conseguia ler o nosso jornal, visto estar longe e não ser assinante, pelo que estamos sinceramente agradecidos ao nosso assinante Sr. Rosalino de Araújo, em ter contribuído duma maneira agradável para a divulgação e expansão do nosso jornal.

A ambos, um muito obrigados.

Vincando mais uma vez a dedicação que sempre mostrou em prol do nosso jornal, o nosso delegado em Caracas, Sr. José Carlos Caldas, escreve-nos a indicar como novos assinantes os Srs. Sidónio Carlos de Azevedo Silva, da Avenida Brasil, Foz do Douro, Porto, Afonso António Dias, Casa do Penedo, Valdozende, e João de Deus Caldas, HICA na Barragem de Paradela do Rio.

Pede-nos também para mudar a direcção do nosso assinante Sr. João Vieira, o que já fizemos.

Quanto aos elementos que nos envia, dar-lhe-emos despacho oportunamente.

Obrigados por tudo que nos tem enviado.

Recebemos carta do nosso conterrâneo, Sr. João Batista Vieira, que actualmente se encontra na Marinha a exercer as funções de rádio Telegrafista, em E. R. N. Boa Nova, Leixões, a pedir a sua inscrição como novo assinante.

Agradecemos o seu pedido.

Por indicação da Sra. Cacilda Rodrigues de Caires, tivemos a honra de inscrever como assinante o Sr. Gualter Augusto Dias, nosso conterrâneo e actualmente no Armazém e Bar Esperança, no Rio de Janeiro, Brasil

O Sr. António Cerqueira, da Freguesia de Prozelo, e actualmente no Rio Tinto, Porto, escreve-nos a pedir a sua

extremosa mãe das senhoras: Adelaide Martins, Maria da Conceição Martins e do senhor Manuel José Martins, conceituado comerciante da Vila de Amares e digno regedor de Ferreiros.

A Família enlutada, apresentamos as nossas condulências.

inscrição como novo assinante.

Enviou-nos já a respectiva importância para o pagamento do primeiro semestre da sua assinatura.

O recibo já o fizemos seguir o qual se deve encontrar de sua posse.

Sentimos muito prazer em o inscrever como novo assinante.

Acaba de nos escrever para ser inscrito como novo assinante, o nosso conterrâneo e particular amigo Sr. António Inácio Martins Dias Lúcio, da rua Leite Vasconcelos, em Lisboa, o que gostosamente fizemos.

Conforme seu pedido, já lhe enviamos o presente número do nosso jornal.

Junto da nossa Redacção esteve o Sr. Colimério de Jesus Lomba, da Freguesia de Bouro, a pedir a sua inscrição como novo assinante.

Inscrevemo-lo, e este número já lhe é enviado.

O nosso conterrâneo e amigo Sr. Fernando António Almeida Rodrigues, actualmente em Bissau Guiné Portuguesa, escreveu-nos e indica-nos um novo assinante o Sr. António Vieira da Costa, empregado na Sociedade Comercial Ultramarina, em Bissau.

Muito obrigados pela sua indicação.

Vida elegante

Aniversários

Na passada Quinta Feira, completou as suas cinco rissonhas Primaveras, a menina Delmira Eduarda Veloso de Barros, filha do nosso assinante Sr. Januário da Silva Barros e Carminda Araújo Veloso.

Segunda-feira — A Senhora Albina da Cruz.

Terça-feira — A Ex.ma Senhora D. Luzia de Barros Pisão e Maria da Conceição Ventura.

Quinta-feira — Os Senhores: Mário Augusto de Abreu Dias e João Gualberto de Macedo;

Sexta-feira — O senhor José de Abreu Dias.

NECROLOGIA

Faleceram às seguintes pessoas:

Na Freguesia de Seramil — O menino Valter da Silva Duque, com 8 anos de idade, em 18 de Junho findo.

Na Freguesia de Caires — O Sr. José António Pinto com 26 anos de idade, em 19 de Junho findo.

Na freguesia de Figueiredo — A Sra. Maria de Lourdes

HUMORISMO

Porque será?

—Mamá, porque é que as comédias acabam sempre num casamento?

—Tu não sabes, filha? É porque nesse momento é que começa a tragédia.

Conversa conjugal

Ela:—Há muitas pessoas que ganham com os enganos dos outros!

Ele (irónico):—Se há, não vás mais longe!

Lembra-te do padre que nos casou!

Forças equilibradas

—Há quanto tempo és casado?

—Há vinte e dois anos

—E nunca brigaram?

—Nunca!

—Então sendo assim, a tua mulher é um anjo.

—Não é um anjo, não. É uma atleta...

Festas do Anjo da Guarda

É amanhã que se realiza no pitoresco local próximo à Ponte do Porto, a interessante e antiga festa do Anjo da Guarda, que costuma reunir muita gente e este ano promete revestir-se de certa importância.

Do programa destaca-se o seguinte:

Dia 8—Ao romper da aurora uma salva de 21 tiros anuncia-rão o começo das festas.

Potentes Alto Falantes, instalados no recinto junto á Capela, transmitirão os actos religiosos e durante o dia deliciarão o povo com lindos discos.

Às 12 horas, terão ocasião de apreciar fogo por dois afamados pirotécnicos que emocionarão os mais exigentes espectadores. Às 23 horas, haverá mais duas sessões de fogo pelos mesmos pirotécnicos.

Missa a grande instrumental, concerto por uma afamada banda, bazar de prendas, e à noite fogo de artifício.

O pitoresco local e a grande devoção ao Santo, costumam chamar ali muitos forasteiros.

Tinoco, com 35 anos de idade em 22 de Junho findo.

Era extremosa esposa do Sr. Cândido Dias Paredes, e cunhada dos nossos estimados assinantes e conceituados comerciantes desta Vila, Sr. António Dias Paredes e Norberto de Barros Dias Paredes, e ainda do nosso assinante Sr. Manuel Augusto Dias Paredes, que se encontra actualmente no Brasil.

Urso com pele de Camaleão

Continuação da 3.ª página)

mente, fizeram erguer, nas margens do Volga, na cidade de SWIATSCHK, uma monumental estátua a Judas «o traidor», que representaram de punhos serrados contra o Céu; e não estranhemos que outra seja erecta em honra de Lucifer porque, a quando da escolha do herói para tal estátua blasfema, muitos se inclinaram que o fosse, ao chefe dos demónios, e outros ainda, ao fratricida Caim. Não poderiam fazer melhores escolhas, para se qualificarem a si próprios! Se nos encontramos na época apocalíptica, outra não pode ser a besta, tal poder lhe é dado de mistificar e de se acreditar como poderosal. Esta besta, peor do que o abutre, nutre-se de toda a podridão, porque é a antítese da moral, anti-cristã, ateísta por excelência; e onde falta Deus e sobretudo onde Ele se nega, cai-se irremediável, não só no abismo das contradições, mas também na maior degradação dos costumes.

Em todos os tempos, sob todas as crenças, até no paganis-

mo, se acreditou, por esta ou por aquela forma, em Deus, conservando assim o homem uma réstea de luz por onde a inteligência penetrasse, comunicando com o Criador a través de um sentimento mais ou menos religioso, mas hoje, no século das luzes, o homem, de olhos vendados pelas paixões mais torpes, nega a Deus absolutamente, negando-se portanto a si próprio, declarando-se irracional, porque negar a Deus é impossível a quem tenha ainda razão.

Um escritor responsável, entidade do maior prestígio, escreveu: «Sem eles (referia-se valores religiosos) o homem fisicamente perfeito, de linhas apolíneas, não passa de bruto esplêndido; o esteta refinado é artista sem humanidade; o rico faustoso, impenitente megalómano; o epicurista, egoísta gozador; o político maquiavélico, ambicioso insatisfeito; o conquistador audaz, trágico semeador de sangue e ruínas; até o sábio apaixonado e vigilante pode ser apenas um simples destruidor da vida».

E noutro lado: «Só a vida

moral pode estabelecer a ordem verdadeira e profundamente humana, harmonia superior que subordina o corpo ao espírito, os sentidos á razão, o bem particular ao bem comum, na esfera individual e na esfera social.

Nada mais exacto: sem crença religiosa que o ligue a Deus, o homem fica reduzido a animalidade, á qual tudo subordina, até o espírito, que neste estado fica manietado pelas paixões desordenadas, em que a maldade serve de couraça ás suas mais fundamentais faculdades: a inteligência, a liberdade e a responsabilidade.

Desta árvore daninha—o comunismo—adivinhámos facilmente os frutos, nós que tivemos a dita de ainda não lhes sentir os efeitos, graças a Deus em primeiro lugar e depois ao Inclito Chefe que temos tido á frente dos destinos da Pátria, sempre vigilante, apontando a nacionais e estrangeiros as lucubrações do urso e os variados matizes com que a sua camaleónica política lhe vai disfarçando as intenções, sempre as mesmas, categoricamente as mesmas, sistemáticamente as mesmas.

A «deskominformização» última novidade da moda política soviética, foi claramente denunciada por Salazar, no seu último discurso, como um dos maiores perigos criados pelo génio comunista. Sem dúvida, nada haverá mais vulnerável a este novo disfarce do comunismo, do que as actuais democracias, em que uma desprevenida coligação de partidos, manejada por comunistas, pode permitir dum golpe, que a pata benfazeja do urso, poise em qualquer país, claramente, para o proteger...

E depois, a repetição cruenta do que se passou em Espanha e o que se passa em tantas outras nações, presentemente...

Para além da cortina de ferro não sabemos bem o que acontece de mais grave, mas nesta Nossa Nação Irmã, tivemos conhecimento exacto da extensão do mal: mais de 50 mil pessoas assassinadas, desde a criança inocente ao velho ancião, com dupla tortura para as mulheres, que se viam violentadas a partir dos oito anos, deixando-as o monstro vexadas e agonizantes nas bermas das estradas, sendo outras arrancadas ao seio da família, em raptos brutais, para «divertir os soldados» nas frentes de batalha, como sucedeu em Toledo e em Madrid, em que dum só vez o foram 500 raparigas.

Mas isto que de si é horripilante, culmina com a inconcebível tortura do espírito, por meios policíacos e com julgamentos que são a vergonha da humanidade, autêntico escárnio da justiça.

E para terminar, damos novamente a palavra ao citado autor, para apresentar o quadro angustioso daqueles que, como o cardeal Mindszenty da Hungria, sofrem o martírio de serem obrigadas a confessar, por meio de torturas e com a aplicação de drogas, aquilo que

DA CARIDADE ...

(Continuação da 1.ª página)

tarde, porque Padre Gil não pode estar junto deles permanentemente.

Ora, este Homem,—notem a letra maiúscula do substantivo—cuja carreira vertiginosa na senda da Caridade pode ligar-se ao caminho percorrido, neste dia do século XX ao de um avião de jacto, trabalha incessantemente pelo bem dos outros. E fundando a Obra mais preciosa do Bem, procura dar a uns tantos rapazes a cultura da Cultura, o apêgo à Terra, e assim vive entre os dois extremos: a Terra e o Céu.

Criou e conserva, fazendo progredir, uma série de obras que, por sua modéstia, consubstanciam uma sua Obra: Fazer bem! E tem um jornal. Um jornal que é diferente de todos os jornais. Um jornal único, na história da Imprensa portuguesa: «O Colonizador». O nome não conta. O que conta é o que ele encerra de proficuo, de estonteante, neste século de luzes, onde tudo obscurece ante a miséria, a depravação, o vício que corrompe corpos e turcida almas. Padre Gil procura, nos seus escritos, traçados por mão de mestre, e com garra de jornalista, incutir no ânimo daqueles que só no materialismo da vida procuram lenitivo, o enlevo do Bem com as suas prédicas, com os seus arroubos de prosa máscula, viril, sensata e de pureza de sentimentos inultrapassável que nos diz, em resumo, que o Bem pode apenas vir da terra, do seu amanho, da sua suculenta criação e que esse bem é o fundamento do outro bem terreno que haja de fazer-se: olhar ao seu semelhante.

Poderíamos, com tema bastante melindroso, mas avidamente especioso, corroborar no elemento-base nunca sonharam sequer em praticar:

«Em comparação com a nova espécie de martírio, um tiro, uma guilhotina, uma cadeira eléctrica, a própria força parecem execuções suaves. Mais doloroso, agonia arripiante que não pode descrever-se, é o drama dos que se tornaram autómatos inconscientes, pessoas sem personalidade, homens sem inteligência e sem vontade, sombras errantes que vivem sem ter vida, porque lhes reduziram a vida a movimentos que não são humanos».

«Em todas as épocas houve crises dolorosas de intolerância despótica, mas estava reservado ao nosso tempo o triste privilégio de, por meio de processos científicos, obrigar as vítimas a adoptarem a consciencia dos verdugos como consciencia própria, sem possibilidades de intima reacção contra a opressão tirânica. Deste modo se conseguem todas as confissões e auto-acusações. Nunca no decurso da história, a moral,

(Continua na 6.ª página)

do Padre Gil. Poderíamos até, sem o contrariar, dizer-lhe que Santo António prègando aos peixes conseguiu melhor resultado, pois que pregar aos homens de dinheiro para que melhorem a situação desesperada de muitos outros, é prègar em vão; podíamos lembrar a Padre Gil que o título do seu jornal está errado. Sim, errado. Ele deveria chamar-se «Oasis» porque Padre Gil está a pregar no deserto...

Mas não queremos. Queremos apenas lembrar-lhe que hoje, em pleno 1956, no século das luzes, onde o obscurantismo cada vez mais impera, o homem da rua continua a sofrer de depressão moral, não porque a moral não seja apregoada, não porque êle não entenda, não porque êle não seja seu dilecto enleado. Mas apenas porque o homem do dinheiro, aquele de cima que devia olhar para baixo se esqueceu, em bom tempo, de o fazer e hoje sofre-lhe as consequências, por seu próprio erro.

Sim, Padre Gil. O homem do dinheiro condescendeu em consentir que o nível intelectual subisse, consentiu no progresso mediante a Ciência, mas esqueceu de acompanhar o progresso científico com o progresso social e daí criou o desespero em que hoje vive o Homem, acorrentado pela Técnica a um progresso enormíssimo sem remissão humana. Sim, Padre Gil. O Homem hoje está sujeito, absolutamente subalternizado à ciência. É essa que o tem colocado no cume do desespero, sobre cujas vertentes Ele subiu insensivelmente, sem dar fé que estava a escalar o mais alto cume do seu despenhamento. E a queda, porelevada, liquidou-o, num sonho lindo que foi realidade tétrica.

Não sejamos contra a Ciência, contra a Técnica, contra o Progresso. Sejamos contra, sim, contra a inércia, o desleixo, a modorra dos homens do dinheiro que ainda hoje não querem acreditar que foram êles, elevando o nível de vida do homem que o destruíram, insensatamente, numa errada visão de egoísmo, que transformou a Humanidade num farrapo de amoralidade, imoralidade e turpor,—produto de incerteza do dia de amanhã, provocado pela falta de iniciativa dos seus responsáveis.

Por isso Padre Gil, daqui lhe endereçamos um elo para a sua corrente que há-de prender, apesar de tudo, a Beleza ao Bem, o Ódio à Amizade, o Desespero à Esperança. Crer é talvez a melhor certeza da Vida. E porque cremos, não só em nós como em Deus, o acompanharemos nessa senda maravilhosa e miraculosa de Humanidade, Ternura, Afecto e Amor.

Bem haja, Padre Gil.

Carta à «Tribuna Livre»

(Continuação da 1.ª página)

Interessei-me para que se procedesse a verdadeiras eleições à face dos Estatutos (razão do insurgimento do Senhor que se diz visado contra mim) e para que estas se realizassem com todo o rigor da Lei (razão das minhas conversas com o Senhor Capelão). Ora foi a sua realização e a forma como decorreram, de uma legalidade incontestável, que afastou o Senhor João Almeida definitivamente da Mesa da Confraria da Abadia.

Houve eleições da Mesa e não nomeação da Mesa conforme se projectava.

E para atenuar a cólera do autor da carta contra mim, próprio da sua idade (parece que é bastante novo...), julgo conveniente informá-lo de que a própria pessoa que o indicou para nova Mesa, assim como o Ex.^{mo} Pároco da freguesia, concordaram, dias antes, com a sua substituição.

Além disto, sou testemunha da reacção que manifestavam muitos confrades ao tomar conhecimento de que o Senhor João Almeida do Grémio ia ser o secretário da nova Mesa.

Há ainda outra particularidade interessante neste caso—quase todas as pessoas, quando convidadas para estes lugares se recusam e não aceitam, e se algumas vezes acabam por aceitar, só depois de muito instadas e com sacrificio evidente. O Senhor João Almeida, pelo contrário, irritou-se por ser arredado da Mesa da Confraria da Abadia e confessa na sua carta, que fazia parte de uma mesa que se projectava para ilegalmente tomar conta da dita Confraria.

Diz também que uma carta minha publicada nesse jornal no dia das eleições sobre irregularidades na Confraria da Abadia e nas quais se sabia estar envolvido esse indivíduo e o Dr. Avelino Silva, prejudicou o acto eleitoral. Não, antes pelo contrário, este nunca foi tão concorrido nem tão rigorosamente cumprido. Se esse facto alguma influência teve, foi para bem da Confraria.

Sobre apreciações que faz à forma como decorreu o acto eleitoral, só se explica pelo facto de não ter assistido e ter sido mal informado.

Chamar a política para a Confraria da Abadia e nos nossos dias, é como diz esse jornal, não lembra ao diabo, e eu acrescento: se ofez com o intuito de me diminuir, só revela ingnorância.

Neste capítulo, o autor da carta, revela pouca perspicácia—pois se sabia tantas coisas a meu respeito, devia concluir logicamente que eu nunca poderia concordar com nomeações em vez de eleições.

Finalmente quero tornar conhecido dos leitores da «TRIBUNA LIVRE» que o caso das insinuações que o Senhor João Almeida faz à minha pessoa, foi entregue ao Tribunal.

Apresento a V. Ex.^a os meus respeitosos cumprimentos e com a promessa de não voltar ao assunto a não ser, em caso idêntico de ser ofendido pessoalmente, subscrevo-me com toda a consideração e estima e peço favor de publicar esta carta no próximo número».

José A. de S. Fernandes

TRIBUNA AGRÍCOLA

A REGA

O Grande Problema Nacional

Por António C. R. de Azevedo

(Continuação do número anterior)

Será realmente estéril o solo português?

O desenvolvimento das obras da rega virá opôr um formal desmentido ao velho conceito de possuímos um SOLO ESTÉRIL, que o Plano do Fomento Nacional perfilhou.

Se lançarmos um golpe de vista sobre o nosso panorama agrícola, reconhecemos não ser justificado tal pessimismo.

Portugal é o maior produtor de cortiça do mundo e, no entanto, a sementeira dos sobreiros é ordinariamente feita pelos pombos bravos, com as bolotas, que lhes caem do bico, a não admitirmos que intencionalmente o fazem no interesse próprio, em justa réplica ao desleixo dos homens.

É também grande produtor e exportador de madeira de pinheiro, sendo o vento o mais diligente sementeiro dos pinheiros, que se apressam a conquistar as nossas montanhas, se o dente das cabras, o inimigo número UM dos arvoredos, os abandona.

A vinha manifesta uma tal adaptação aos nossos terrenos que o Estado julga necessário limitar a sua expansão.

Produzimos azeite para consumo e exportação, estando a cultura da oliveira a tomar largo incremento, com melhor e mais aperfeiçoado aproveitamento dos produtos.

São ilimitadas as nossas possibilidades de produção de excelentes frutas.

Já um ano tivemos trigo que largamente excedeu as necessidades de consumo e, se o seu cultivo retrogradou, foi devido a ser o cereal pago tardiamente e com injustificada redução de preço.

A produção de batata vem de há anos a esta parte saturando o mercado, com preços abaixo da tabela, e a abundância da última colheita de milho já foi posta em foco na Assembleia Nacional.

Finalmente, para as regiões orientais, donde há meio século recebíamos quase todo o arroz para nosso consumo, já da última colheita se exportaram uns milhares de toneladas.

No Plano de Fomento é posto em destaque o elevado rendimento por habitante na Dinamarca, em contraste com o do nosso país que é o mais baixo, entre os mencionados.

Ora, numa carta enviada de Copenhague para a «GAZETA DAS ALDEIAS», há pouco mais de duas dezenas de anos, o nosso representante diplomático dizia:

«A Dinamarca tem aproximadamente metade da população e metade da extensão de Portugal.

Vivendo quase exclusivamente da sua agricultura, consegue com os seus vinte milhões de galinhas exportar ovos, cujo valor ultrapassa largamente toda a nossa exportação de vinhos, incluindo o Porto.

Antes da guerra de 14 também era considerável a nossa exportação de ovos e galinhas, sobretudo para a Espanha; com as dificuldades de abastecimento proibiu-se, para não mais se restabelecer.

É esta uma das mais escandalosas retrições, devido a serem os ovos geralmente vendidos pela gente mais pobre e consumidos em guloseimas pelas pessoas de recursos.

Além disto, dadas as favoráveis condições que o País oferece à exploração avícola, tanto os industriais de pastelaria como até os habitantes das cidades podiam estabelecer aviários para suprir o consumo próprio.

Produção higiénica de leite

Para produzir economicamente leite limpo e são é preciso ter bem presente:

- 1.º — que as vacas só produzem leite em boas condições económicas, quando tratadas com cuidado e bem alojadas.
- 2.º — O leite só poderá ser bom: Se a ordenha for feita com perfeição e asseio; as vasilhas estiverem muito bem lavadas;

e o leite for bem cuidado e defendido de tudo quanto possa sujá-lo.

O que principalmente convém saber é que:

- 1.º — produzir bom leite é, acima de tudo, uma questão de cuidado de quem lida com as vacas e com o leite.
- 2.º — o modo como as coisas são feitas tem muito mais impor-

(Continua na 2.ª página)

Aos produtores de milho

Findou em 31 de Maio o prazo legal para a entrega de milho da colheita de 1955 nos celeiros da F. N. P. T. Como todos sabem essa entrega é voluntária, e só se faz em quantidades apreciáveis nos anos em que as produções são abundantes e quando o preço do milho do mercado livre é inferior ao da tabela oficial. Desta colaboração entre o Governo e a F. N. P. T. tem resultado, para os produtores, benefícios de tal ordem que não é fácil esquecer.

Foi destacada a intervenção na colheita de 1950 como foi nas de 1954 e 1955.

Na de 1954 só muito tardiamente é que a lavoura acorreu aos celeiros do Organismo. Até Dezembro de 1954 tinha entregado 12.700 toneladas; em fins de Maio,

42.000 toneladas e, no final da campanha, esse número elevou-se a 79.597 toneladas! Uma entrega inesperada e maciça nessa altura do ano trouxe uma série de graves problemas a resolver: de armazenagem, do período de recepação, fazendo com que se intercalasse com o dos cereais de Inverno da campanha seguinte e sobretudo de colocação.

Que fazer de tão grandes quantidades de um cereal de difícil conservação, as quais excediam largamente as estabelecidas para a incorporação na farinha para o pão e para o consumo como farragens!

Mais uma vez o Governo agiu de forma que se pudesse solucionar o problema. Permitiu que o prejuízo originado pelas exportações, úni-

co recurso aceitável para a emergência, fosse compensado pela diferença de preço entre o trigo importado e o nacional, como aquele é facturado á indústria de moagem. Houve ainda um prejuízo real que o Estado assumiu que largamente compensa os inúmeros de ordem material e social que adviriam se não se tivesse recorrido a essa solução.

Mas do que se passou em relação à colheita de 1954, originou as maiores dificuldades executivas de toda a ordem, só vencidas por uma dedicação de todos os que intervieram no problema e de um trabalho por vezes esgotante, resultou a indicação do que haveria, de futuro, de se trabalhar de outra forma para se diminuir os riscos vários e graves a que se esteve sujeito durante alguns meses.

E assim, para a movimentação da Campanha de 1955, tomaram-se novas directrizes.

Os produtores que quisessem recorrer aos serviços da Federação manifestavam em datas, variáveis com as regiões e de acordo com a época normal da produção, as quantidades que preferiam entregar. Ficava-lhes porém, reservado o direito de as alterarem por qualquer motivo, comunicando prontamente ao Organismo como é lógico.

Que se passou?

Findos os prazos estabelecidos 35.000 produtores registaram para entrega 114.300 toneladas de milho.

Logo que houve conhecimento dos números totais procurou-se esclarecer as possíveis necessidades de consumo interno e desde logo — para que o cereal fosse recebido e liquidado no mais breve prazo, contrariamente ao que se passou no ano anterior — averiguar das possibilidades de colocar, no estrangeiro, os excedentes dentro de normas já estabelecidas. E assim se fez, negociando-se, prudentemente, apenas uma parte desses excedentes que, dado o escalonamento de como foi feita a exportação, permitiu uma rápida saída do cereal de cada casa dos produtores e a consequente liquidação.

A imprevista e substancial reserva de cereal para forragens, devida em parte, aos temporais que nalgumas regiões do país inutilizaram as pastagens, veio altear

(Continua na 2.ª página)

A MIXOMATOSE,

Nova doença de coelhos em Portugal

Uma doença que surge pela primeira vez e que ataca os coelhos, tanto selvagens como domésticos, e os dizima com a maior das facilidades em virtude do seu alto poder de contágio e de expansão da sua rápida evolução.

Esta doença denomina-se «Mixoma infeccioso do coelho» ou mixomatose.

É causada por um vírus, o qual provoca, nos animais atacados, inflamações oculares, anogenitais e cutâneas. Esta inflamação tem a característica especial de ser edematosa, tomando, sob a pele, a forma tumoral, mais ou menos extensa, o que permite distinguir facilmente esta doença das outras que podem atacar o coelho. O período de incubação é de 10 a 15 dias.

É da maior conveniência que todos tenham conhecimento destes pormenores e se convençam da sua alta importância para que se torne possível colaborar activamente com as entidades oficiais encarregadas de lutar contra a doença.

Como dissemos, este vírus tanto ataca o coelho manso como o coelho bravo, a não ser certas «raças» de coelhos bravos e de lebres. Não ataca o rato, o gatinho, o cobaio, os animais domésticos e o homem.

Conforme notícias vindas a público, esta epizootia entrou já em Portugal revelando, como de esperar, um carácter terrivelmente expansivo.

Pela portaria n.º 15.709 de 28 de Janeiro de 1956 chama-

-se a atenção para a mixomatose, já incluída no quadro das doenças de declaração obrigatória (Portaria n.º 14.702 de 9/1/954) em virtude das medidas urgentes que se torna necessário pôr em prática e que só resultarão no caso de haver, da parte dos Serviços Oficiais e do público, franco espírito de colaboração, à semelhança do que se passa com todos os problemas de interesse comum.

Deste modo, torna-se indispensável:

1.º — Chamar a atenção das entidades veterinárias logo que surja o primeiro caso.

2.º — Isolar convenientemente os coelhos domésticos de modo a evitar em absoluto, o seu contacto com:

a) os insectos — por meio de rede de malha fina

b) os animais da mesma espécie de outra proveniência

c) pessoas que, por qualquer forma, possam ter contacto com animais doentes e possam ser consideradas meios de transmissão

d) cães e gatos

3.º — Matar todos os animais doentes ou suspeitos de estarem contagiados e destruí-los pelo fogo.

4.º — Desinfectar os locais onde se encontravam estes animais e bem assim todos os utensílios que com eles tiveram contacto.

5.º — Destruir pelo fogo os despojos destes animais.

6.º — Proceder à vacinação preventiva dos animais nas explorações não infectadas.

Capela e Festa do Snr. da Saúde, em Lago.

Realiza-se todos os anos, na freguesia de Lago Amares, a festa do Senhor da Saúde. Não parece haver motivo que obrigue a sua realização em dia marcado. É porém, costume imemorial fazer-se no terceiro domingo de Julho, caindo este ano no dia 15 do referido mês. O seu objectivo é comemorar a redenção dos homens operada com a paixão e morte de Jesus Cristo. Para os mundanos é paradoxal atribuir o Senhorio da saúde e da vida a quem morreu ou ao instrumento da morte. A Igreja porém, canta as glórias

na Cruz, estende-se também às almas do Purgatório, que estão a purificar-se dos pecados de que não fizeram a devota penitência, antes de morrer. Assim ensinaram e praticaram os santos Padres e Doutores, e assim pensa, ensina e pratica a Igreja Católica Apostólica Romana.

Também pensava assim o fundador da capela do Senhor da Saúde, em Lago. No ano de 1833 um filho desta freguesia, Brás António Fernandes, residente no Pêso da Régua, mandou construir uma Capela na sua terra natal, dedicada a Je-

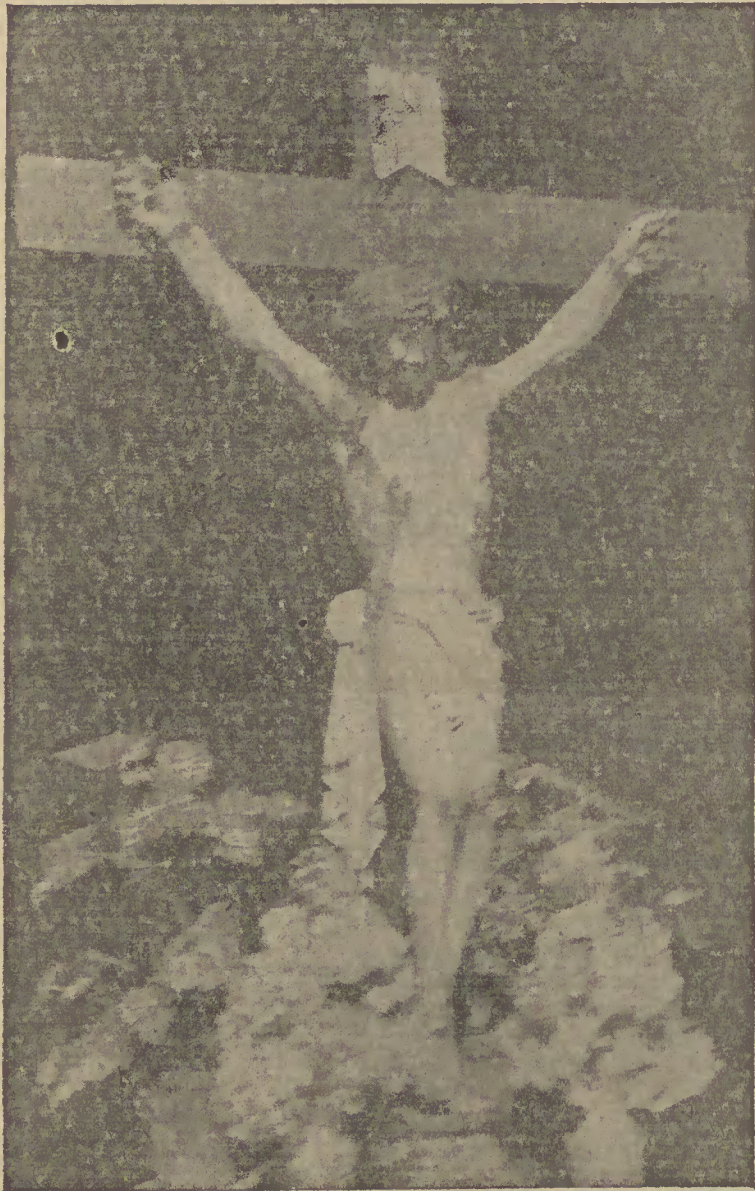


Imagem de N.º Senhor da saúde que se festeja em Lago

da cruz e saúda-a como única esperança a qual veio aos homens, por Jesus Cristo, a remissão dos pecadores, e com ela, a saúde da alma e a vida eterna no Céu. A imagem de Jesus Cristo pregada Cruz, dá-nos a impressão da morte, que é, humanamente falando, a derrocada dos sonhos mais doirados. Em Jesus Cristo porém, embora a morte fosse verdadeira, não é, todavia, uma derrota. Ele mesmo quis morrer, para resgatar a humanidade, e morreu, da forma mais humilhante, para dar aos homens o testamento irrefutável do seu amor por eles; pois que, disse Ele, não há maior amigo do que aquele que dá a vida pelo seu amigo. Além disso, Jesus Cristo venceu a morte porque ressuscitou e subiu ao Céu triunfalmente, na presença de muitas testemunhas, e sem auxílio de ninguém. A obra redentora de Jesus Cristo sofrendo e morrendo por nós,

sus Crucificado, sob a invocação de "Senhor da Saúde". Na mesma capela mandou pintar um retábulo, em madeira, representando, no alto o Senhor Crucificado, com duas imagens de bispos aos lados, e no fundo, a imagem do Purgatório como que recebendo os frutos do sacrifício, do Calvário. Esta capela foi restaurada "pelos fiéis devotos do milagroso Senhor da Saúde no ano de 1859". Mais tarde em 1871, Brás António Fernandes Júnior, filho do fundador, sendo comerciante no Porto, mandou fazer o côro e respectivas escadas e pintar de novo o retábulo da primitiva capelinha.

Entre as muitas graças concedidas pelo Senhor da Saúde aos seus devotos, encontra-se a de uma rapariga aleijadinha que no dia da festa, de muletas e com muita dificuldade, se dirigiu à capela; e ali, com muita devoção, pediu ao Senhor da Saúde a sua cura.

Tribuna de Vila Verde

Posse do Conservador do Registo Predial de Vila Verde, Snr. Dr. Lamartine Dias

Tomou posse, no passado dia 30 do mês de Junho findo, do lugar de Conservador do Registo Predial de Vila Verde, deixado vago pelo Snr. Dr. Adolfo de Sousa Correia, transferido, como noticiamos, para idêntico lugar na Comarca de Amarante, o Snr. Dr. Lamartine Dias. O Snr. Dr. Lamartine veio transferido, a seu pedido, da Comarca de Tabuaço para este concelho. Funcionário de altas qualidades morais e profissionais, continua a verificar-se em Vila Verde a continuação de uma burocracia à altura das exigências da Comarca.

A posse foi-lhe conferida pelo Meritíssimo Juiz de Direito da Comarca, Snr. Dr. João Gonçalves Dias, que "in actu" proferiu palavras de exaltação e incitamento, felicitando-o, simultaneamente, por haver conseguido, o que foi de inteira justiça, a sua transferência para esta terra.

Trata-se, na verdade, de uma Vila cheia de encantos naturais, habitada por gente sã. Ademais, acresce a circunstância, que tantas vezes falta noutros concelhos de as várias Repartições do Estado neste concelho possuírem funcionários de qualidades profissionais ímpares, como os da Repartição que V. Ex.ª vem Chefiar, que são, incontestavelmente, garantia segura de uma actuação proficiente para aqueles que presidem, e com muita responsabilidade, aos Serviços.

Sessão da Câmara Municipal

Reuniu mais uma vez a nossa Câmara Municipal sob a presidência do Ex.º Snr. Dr. António dos Santos Ferreira.

Deferida várias petições pendentes, foram apreciadas várias propostas apresentadas para adjudicação de construção da estrada "Portela do Vade-Aboim" que foi adjudicada ao Snr. Augusto Gomes de Sousa, da freguesia da Lage.

No final, foram discutidos vários assuntos de interesse para o nosso concelho.

Achando-se perfeitamente curada deixou logo as muletas penduradas na capela junto do altar. Hoje é casada, vive em Lago, e nunca mais sofreu nada. Mais uma vez os coxos andam e os cegos vêem.

A imagem do Senhor da Saúde foi Restaurada em Braga, onde se encontra ainda. No dia 8 será conduzida triunfalmente, em procissão, desde a Ponte do Bico até à Igreja Paroquial, onde continuará a novena para a festa, no dia 15. Que o Senhor da Saúde encha de bens os seus fiéis devotos.

Seguidamente, falou o Snr. Dr. Alexandre de Sá Carneiro, distinto Advogado nos auditórios desta Comarca, que, conhecendo por tradição o empossado, como funcionário excelente e advogado de envergadura, o felicitou em seu nome e de seus colegas, congratulando-se afinal, com a invulgar aquisição que a Comarca de Vila Verde acaba de fazer.

No final, o empossado agradeceu, reconhecido, as palavras que lhe foram dirigidas.

"Tribuna Livre" sempre presente, apresenta ao Snr. Dr. Lamartine calorosas felicitações.



Dr. Alexandre Herculano Martins da Costa, distinto Delegado do Procurador da República na comarca de Vila Verde, cargo de que tomou posse, conforme referimos, no dia 20 do passado mês de Junho.

Magistrado altamente competente, inteligência esclarecida e seguro penhor de que tão altas funções estão entregues em mãos seguras.

Tribuna Desportiva

O desporto da semana

Terminou a disputa da Taça Latina com a vitória final do Milão, que ao vencer o Atlético de Bilbao por 3-1, conquistou a primeira posição.

Em segundo, terceiro e quarto, ficaram respectivamente Atlético de Bilbao, Benfica e Nice.

Parece não haver dúvidas que a vitória final acenta bem ao representante italiano por ter ganho ambos os jogos e por números bem claros quanto à sua supramacia, embora no encontro com o nosso brioso Benfica tivesse sido bafejado pela sorte, mas como esta também faz parte do jogo, aceita-se perfeitamente o seu triunfo.

O Benfica nosso representante na disputa da referida Taça, mais uma vez demonstrou ter queda especial para jogos fora do seu ambiente não estranhando tanto a deslocação, sendo o grupo com mais predicações que estas, prova requere.

Tem sido de longe o nosso melhor representante no Estrangeiro, o que melhor tem contribuído para o prestígio do nosso futebol e na Taça Latina, de todas as equipas já chamadas a disputar o referido troféu, apenas o Benfica tem sido notado, as restantes tem passado modestamente. Parabens ao Benfica.

+ O F.C.P. na sua digressão pelo Brasil e agora pela Venezuela continua a não ser nada feliz nos jogos em que tem intervindo, no Brasil apenas como se sabe ganhou um e na Venezuela, na disputa da pequena taça do mundo, de dois encontros empatou um e perdeu outro. primeiro. No em que

empatou pelo que se leu a vitória seria o resultado mais justo e no segundo perdeu sem apêlo nem agravo, denunciando ainda não estar possuidora no fio de jogo que o fez campeão nacional. Como ainda faltam alguns jogos por ser disputada em duas mãos, pode ser que a equipa venha a encontrar-se prestigiando em terras estranhas o nosso futebol. Oxalá que os futuros resultados o confirme.

Mudança

O Senhor Joaquim Emilio Monteiro, proprietário do automóvel ligeiro de aluguer n.º G-D-10-29, comunica aos seus estimados clientes que o referido automóvel, que até agora tem estacionado no Largo D. Gualdim Pais, passa a estacionar no Largo Dr. Oliveira Sarralazar (antigo Largo da Feira Nova), desta Vila de Amares. TEL. 62143 p. f.

Urso com pele de Gamaleão

(Continuação da 4.ª página)

a justiça e o direito sofreram tal ultraje». Fizemos assim uma leve caricatura do que seja o paraíso prometido pelo comunismo, para alívio e remédio dos males que afligem o mundo, mas que Deus nos mimosie com a sua ausência.

Nesse paraíso, os gritos aflitivos de «queremos pão» emudecem com o matraquear das metrelhadoras. Diz o comunicado sobre a recente revolta de Poznam, na Polónia, que «a chegada dos tanques pôs termo aos distúrbios... e as vítimas rolavam no chão»

EME